



## **ORGANIZAÇÃO SOCIOESPACIAL DOS ARTESÃOS DE ESTEIRAS DA COMUNIDADE DE BARRA DO AÇU, SÃO JOÃO DA BARRA/RJ**

## **ORGANIZATION OF SOCIOESPATIAL MATS OF ARTISANS OF AÇU BAR COMMUNITY SAINT JOHN BAR / RJ**

## **ORGANIZACIÓN DE RATON SOCIOESPACIALES DE ARTESANOS DE ACU BAR COMUNIDAD DE SAN JUAN BAR / RJ**

Raquel da Silva Paes

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense  
Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional  
raquelspaes@hotmail.com

José Maria Ribeiro Miro

Geógrafo, Professor, Instituto Federal Fluminense – Campus Campos Centro  
jmiro.geo@hotmail.com

Ricardo Pacheco Terra

Mestre em Produção Animal, Professor, Instituto Federal Fluminense – Campus Campos, Centro  
riterra@gmail.com

### **RESUMO**

As relações entre sociedade e natureza, têm analisado as distintas formas de apreender as atividades de trabalho e suas territorialidades. Neste estudo, objetivou-se entender e caracterizar a atividade do artesanato tradicional de esteiras feitas com taboas (*Typha domingensis*), diante das dinâmicas territoriais regionais, destacando a instalação do Complexo Logístico Industrial do Porto do Açú (CLIPA) e institucionalização do Parque Estadual da Lagoa do Açú (PELAG) na comunidade de Barra do Açú/RJ. Entre janeiro e março de 2015, foram desenvolvidas 13 entrevistas por meio de questionários semiestruturados com artesãos de esteiras da localidade de Barra do Açú. Nesta etapa, foram realizados Trabalhos de Campo com auxílio de guia local e coleta de dados em bola de neve. Os resultados apresentaram, que apesar das diversas apropriações do território na região, a atividade ainda possui mercado. Entretanto, não há organização da atividade, sendo necessárias estratégias para o seu fortalecimento.

**Palavras-chave:** Percepção Ambiental; Comunidades Tradicionais; Macrófitas aquáticas.

### **ABSTRACT**

The relations between society and nature, have analyzed the different ways of apprehending work activities and their territorialities. The objective of this study was to understand and characterize the traditional craftwork of mats made with taboos (*Typha domingensis*), in the face of regional territorial dynamics, highlighting the installation of the Industrial Logistics Complex of Açú Port (CLIPA) and institutionalization of the State Park of Lagoa do Açú (PELAG) in the community of Barra do Açú / RJ. Between January and March 2015, 13 interviews were carried out through semi-structured questionnaires with crawlers from the locality of Barra do Açú. In this stage, fieldwork was carried out with the help of a local guide and data collection in snowball. The results showed that despite the various appropriations of the territory in the region, the activity still has a market. However, there is no organization of the activity, and strategies are needed for its strengthening.

**Keywords:** Environmental awareness; traditional communities; macrophytes

## RESUMEN

La relación entre la sociedad y la naturaleza, se han analizado las diferentes formas de aprehensión de las actividades de trabajo y su territorialidad. Este estudio tuvo como objetivo comprender y caracterizar la actividad de las esteras de artesanía tradicional a base de totora (*Typha domingensis*), en la dinámica regional, destacando la instalación de Logística Complejo Industrial de Puerto de Açu (Clipa) y la institucionalización del parque de estado Lagoa do Açu (Pelag) en la comunidad de Barra de Açu / RJ. Entre enero y marzo de 2015, se desarrolló 13 entrevistas con cuestionarios semi-estructurados con artesanos esteras Açu barra de dirección. En esta etapa, se llevaron a cabo trabajo de campo con los datos de asistencia y guía de bola de nieve de reunión local. Los resultados mostraron que a pesar de las diversas asignaciones de territorio en la región, la actividad todavía tiene mercado. Sin embargo, no hay una organización de la actividad, y las estrategias necesarias para su consolidación.

**Palabras clave:** Percepción ambiental; las comunidades tradicionales; macrófitos acuáticos.

## 1. INTRODUÇÃO

Paisagem é um conceito interdisciplinar estudado em diferentes linhas teóricas, onde destacam seus elementos sensoriais, estéticos e complexos, resultado das distintas concepções dos campos científicos que a utilizam. Ressaltam-se aqui dois autores diferentes – Santos (2008), que tem sua análise associada ao elemento visual, estético e perceptivo da Paisagem, e Bertrand (1971) pela abordagem ligada a sua complexidade de funcionamento e a evolução dos seus elementos constituintes.

Na região norte do Estado do Rio de Janeiro, as reproduções culturais, econômicas e sociais de comunidades tradicionais sempre estiveram associadas diretamente à natureza, seja na interface dos ambientes marítimos ou continentais. Essas relações garantiram (e garantem) a sobrevivência de modos de vida ligados à pesca artesanal (no mar, em lagoas costeiras e áreas embrejadas), da agricultura familiar e do artesanato tradicional (BURLA et al. 2015).

A comunidade de produtores de esteiras de Barra do Açu (localidade do 5º distrito de São João da Barra/RJ), caracterizada neste trabalho como Comunidade Tradicional, enfrenta atualmente reconfigurações socioespaciais, fruto da reestruturação produtiva ligada à chegada do Complexo Logístico Industrial do Porto do Açu (CLIPA) e a institucionalização do Parque Estadual da Lagoa do Açu (PELAG).

Esta pesquisa objetivou caracterizar a atividade tradicional de artesanato de esteiras na localidade de Barra do Açu, confeccionadas com taboas (*Typha domingensis*), além de analisar as dificuldades encontradas pela comunidade na perpetuação da atividade. Assim, busca-se por meio dos resultados deste trabalho propor alternativas para sua perpetuação, bem como gerar informações que poderão subsidiar a elaboração do futuro Plano de Manejo do PELAG, contribuição para o capítulo de valorização do artesanato tradicional desenvolvido no Entorno da Unidade de Conservação (UC). Acrescenta-se ainda que este artigo foi apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso da Pós-graduação Lato Sensu em Educação Ambiental da primeira autora, cursado no Instituto Federal de Educação e Tecnologia Fluminense (IFF), campus Campos-Centro, no ano de 2015, e insere-se num projeto de pesquisa em andamento do mesmo Instituto, que visa analisar a relação de Comunidades Tradicionais com as UCs regionais, especificamente, do Parque Estadual do Desengano (PED) e do PELAG.

## 1.1 Macrófitas aquáticas: formas, funções e usos

Os estudos ambientais têm se destacado cada vez mais nas análises em torno das relações entre a sociedade e natureza, discutindo seus efeitos e consequências, visualizados nas diferentes paisagens. Segundo Loureiro (2004), essas análises são fundamentais no processo de reflexão para encaminhamentos e promoção da gestão emancipatória da sociedade. Porém, ele nos conta que a humanidade não se constitui como unidade homogênea e que as condições decorrentes da atuação humana no ambiente são definidas em função de cada modo de vida social, em interação com as condições ecológicas de sustentação do local. Desta forma, as paisagens podem ser analisadas a partir de seus usos antrópicos, em que os sujeitos são pensados concretamente e não abstratamente.

Segundo Diegues (1989), a costa brasileira é caracterizada por uma alta diversidade de ecossistemas que possuem elementos com grande potencial de produção devido à variedade dos recursos naturais existentes no litoral, que se configuram por um perfil renovável, os quais podem ser citados: as áreas de recifes, manguezais, estuários, planícies inundáveis e áreas embrejadas.

Os brejos são considerados, em literatura especializada, pertencentes ao conjunto de áreas úmidas/alagáveis, cuja conservação pode ser permanente ou temporária. As diferentes terminologias empregadas nas regiões do Brasil dificultam sua sistematização objetiva, pois podem significar desde várzeas de rios no Sudeste, até riachos no Sul do país. Autores como Esteves (1998), utilizam a definição que os considera como áreas alagáveis, ou espaços que podem ser inundados por água de maneira periódica, onde os seres vivos, tanto vegetais como animais, se adaptam às condições naturais ali existentes.

Esteves (op. cit.), ainda denomina como área alagável, ou área inundável, ambientes naturais imprescindíveis para o desenvolvimento das macrófitas aquáticas, e que se organizam em ecossistemas de brejos, manguezais, pântanos, margem de rios, regiões litorâneas de lagos, lagoas e lagoas.

Ao se analisar os fatores e características ambientais, consideradas ótimas para o crescimento e produtividade das macrófitas, é observado que o seu desenvolvimento, reprodução e crescimento decorrem em estágios de tolerância identificáveis. Todavia, essas situações podem se tornar excessivas, ou estressantes e, conseqüentemente, prejudiciais para o seu sucesso ecológico (GOPAL, 1990; BIUDES; CAMARGO, 2008).

No entanto, determinadas espécies de macrófitas aquáticas, dependendo de condições ambientais favoráveis para a sua formação, podem acarretar comportamentos biológicos oportunistas, pois com o aumento da sua produtividade, há competição entre as espécies. Logo, a dinamicidade e equilíbrio entre ecossistemas e suas espécies constituintes são aspectos fundamentais para análises aprofundadas desses ambientes e do seu manejo adequado (THOMAZ et al, 2003).

Observa-se ainda que o desenvolvimento excessivo de macrófitas aquáticas nos corpos hídricos pode ser resultado de pressões ambientais, dentre as quais se destacam as interferências antrópicas, que frequentemente aumentam a disponibilidade de nutrientes nos sistemas aquáticos, desequilibrando o ambiente (ESTEVES, op. cit.).

A biomassa das macrófitas aquáticas é utilizada das mais variadas formas, englobando objetivos desde alimentação até atividades religiosas e de lazer, principalmente por povos da África. Na Grécia Antiga, secularmente, seu uso tem sido observado nas práticas dos hindus, expressas na confecção de objetos como adornos, esculturas, pinturas em telas e porcelanas.

Atualmente, as macrófitas aquáticas têm sido utilizadas na despoluição de ambientes hídricos, como em Estações de Tratamento de Esgoto, uma vez que consomem micronutrientes dissolvidos na água, purificando-a (DINIZ, et al, 2005; ZIMMELS et al, 2006). Contudo, podem ser consideradas como elementos negativos aos ambientes lacustres, porque favorecem a colmatação e o assoreamento de lagos, utilizados para abastecimento humano e produção de energia hidroelétrica, necessitando serem bem manejadas (THOMAZ op. cit.).

Quando o desafio é analisar as relações e dinâmicas espaciais de determinada paisagem, torna-se fundamental entender a totalidade do seu funcionamento e suas inter-relações territoriais. Claval (1999) diz que pessoas que convivem próximas à natureza, têm sua vida correlacionada fundamentalmente ao manuseio dos recursos naturais, considerados como seus suportes ecológicos locais, em que os grupos humanos, especialmente as comunidades tradicionais, têm suas dinâmicas de vida associadas diretamente às

características úteis da paisagem.

Como não há sociedade sem espaço para lhe servir de suporte, sua institucionalização é indispensável à vida social, o que leva ao traçado de demarcações territoriais do selvagem ao humanizado, do campo a cidade, do rural ao urbano. Surgem, desta maneira, complementaridades; o que se pode definir como lugares com limites de um conjunto instituído, ou uma totalidade espacial (CLAVAL op. cit.). Especificamente, a ciência geográfica contribui com abordagens em torno de concepções espaciais por meio dos conceitos: espaço, paisagem, lugar, região e território. (CABRAL, 2007; MOREIRA, 2007).

Conforme Raffestin (1993), o território deve ser apreendido por meio da apropriação física do espaço ou de sua representação, que é realizada pelos agentes socioespaciais. De modo que, não deve ser confundido com a totalidade do espaço geográfico. Sobre isso, Haesbaert (2002) contribui dizendo que além de critérios, agentes e apropriações espaciais, ao analisar-se a dinâmica dos territórios, deve-se considerar as escalas têmporo espaciais simultaneamente dos fenômenos, por exemplo: o tempo de aceleração de processos, as formas de distribuição e circulação dos fluxos de pessoas e mercadorias, a hora da construção de fixos em análises geográficas.

A atual dinâmica de mundialização da produção (Globalização) configura-se no aumento dos fluxos materiais e imateriais que desempenham papéis diferentes na circulação, distribuição, disposição dos produtos e informações ao mercado. Para Castillo; Frederico (2010), é importante analisar essa nova configuração produtiva no âmbito de apreender as etapas da produção, levando em consideração seus contextos industriais e reflexos nos espaços regionais e locais, pois isso altera as Cadeias Produtivas e Circuitos Espaciais Produtivos.

A Cadeia Produtiva é o conceito que caracterizaria a estruturação das etapas da produção, tendo como resultado a divisão do trabalho, sempre comandados pelos agentes econômicos. Com ela analisam-se as etapas de produção numa perspectiva industrial juntamente com os fatores tecnológicos associados que influenciariam a circulação e distribuição dos produtos. Já nos Circuitos Espaciais Produtivos, as etapas de produção são analisadas num sentido de relacioná-los aos espaços da produção e as dinâmicas socioespaciais, derivadas dessas adaptações dos lugares, regiões, territórios e das atividades desenvolvidas. Estes Circuitos estão não só vinculados aos aspectos da competitividade econômica da produção, como também consideram a circulação, a troca e a localização como elementos da análise de reprodução social (CASTILLO; FREDERICO, 2010).

Em estudos sobre fatores que levam ao Desenvolvimento Local, no interior de unidades territoriais, abordam-no como processo contínuo que possibilitam melhorias de qualidade de vida das comunidades. Para isso, o associativismo é visto como ferramenta catalizadora da energia envolvida no processo, onde as oportunidades econômicas conjuntas, a organização das atividades e o entendimento da importância da cooperação de todos são fundamentais para se atingir um resultado final favorável (ZAPATA, 1997; LEONELLO; COSEC, 2009). A cooperação coletiva que visa o desenvolvimento de atividades que potencializem a renda das comunidades não é nova. Segundo Leonello; Cosec (2009) a partir da década de 1990 tais concepções solidificam-se através de abordagens do Desenvolvimento Local.

Define-se associativismo como uma rede de relações que se baseiam em aspectos emancipatórios e que correlacionem o mundo do trabalho com outras esferas da vida social, como a política, a ambiental etc. (CANTERLE, 2004). Dessa maneira, o Desenvolvimento Local se associaria a uma rede, que se correlaciona com o desenvolvimento econômico e com a possibilidade de crescimento das identidades dos seus agentes participantes ao ampliarem suas potencialidades num projeto político coletivo de gestão comunitária.

Leonello, Cosec (2009) dizem que assim o território possibilita transformações em diversos âmbitos, escalas e temporalidades. Sobre isso, Haesbaert (2002) contribui focalizando a emergência de se pensar o território além de sua base material, sendo importante refletir nas suas condicionantes. Assim, torna-se importante retomar o debate do associativismo como base para o Desenvolvimento Local, pois é imprescindível para a constituição de projetos políticos coletivos que visem fortalecer atividades, relações, territorialidades e arranjos produtivos locais que enfrentem às dificuldades referentes aos processos de reestruturações produtivas em curso.

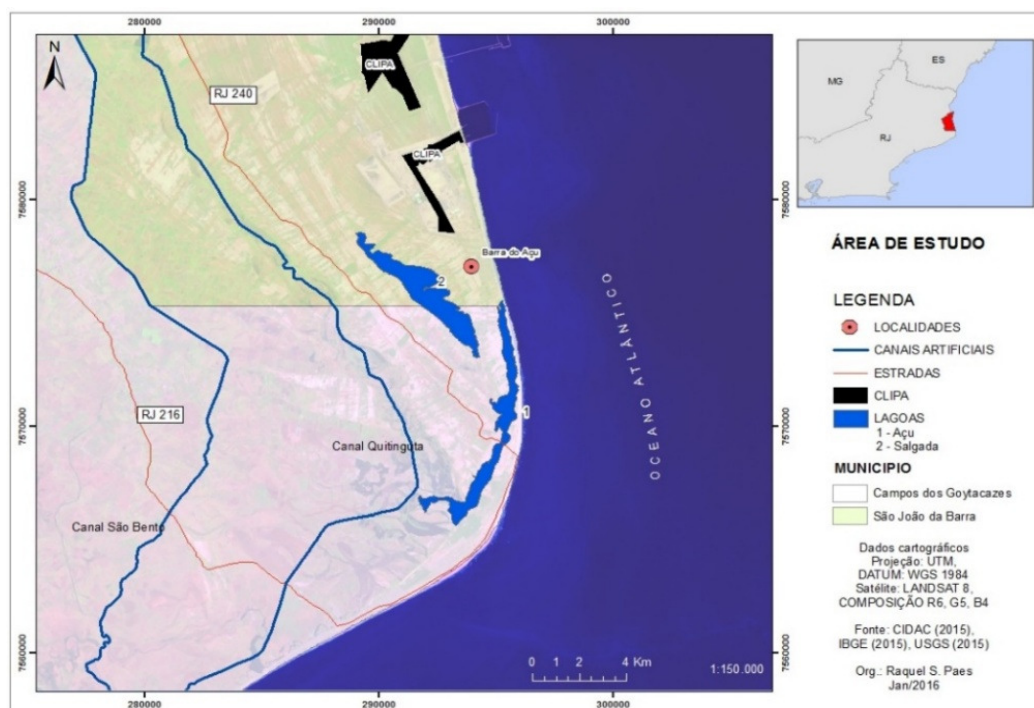
Nesta pesquisa, considerou-se o processo de produção das esteiras feitas com taboas na comunidade

de Barra do Açu, à luz da dinâmica dos Circuitos Espaciais Produtivos, no qual se analisou a dinâmica espacial, suas adaptações e dificuldades recentes que resultam na produção e em reflexos espaciais.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

### 2.1. Área de estudo

A formação da Região Norte Fluminense é resultado de processos geológicos e geomorfológicos relatados nos estudos realizados por Martin et al (1997), como de depósitos fluviomarinhas costeiras e tabuleiros mais para o interior. Suas paisagens são diversificadas na forma de cordões litorâneos, dunas, praias e áreas de acumulação fluviomarinha (Figura 1), permitindo o desenvolvimento de atividades tradicionalmente ligadas a estes ambientes.



**Figura 1** – Barra do Açu, 5º distrito de São João da Barra, RJ

Na região Norte Fluminense, o uso tradicional das macrófitas aquáticas, especificamente a taboa (*Typha domingensis*), tem sido relatado por pesquisadores, tais como Santos (2014), Silva (2014) e Paes et al (2015b). Sobre a questão da sua utilização para confecção de esteiras, principalmente após a implantação do Parque Estadual da Lagoa do Açu (PELAG), uma Unidade de Conservação de Proteção Integral, Paes et al (2015a) diz que a comunidade de Barra do Açu não degrada o ambiente ao coletar taboa, pois sua retirada obedece ao ciclo de desenvolvimento fisiológico da planta.

Em trabalhos recentes sobre o tema, Santos (2014) e Silva (2014) relatam as dificuldades enfrentadas pela comunidade, com destaque para aquelas referentes à coleta das taboas, matéria-prima para o artesanato tradicional regional. Segundo os autores, isto se agravou por volta do ano de 2008, após a reestruturação produtiva por que passa a região, com a instalação do Complexo Logístico Industrial do Porto do Açu (CLIPA) e do Parque Estadual da Lagoa do Açu (PELAG).

## 2.2. Procedimentos metodológicos

As representações das relações entre sociedade e natureza, organizadas por meio das suas ações inerentes de compreensão de mundo, sempre estiveram correlacionadas aos estudos de Ciências Sociais e de outros campos do saber (MISIAKI, 1964; RODRIGUES et al, 2012). Desse modo, a inter-relação das visões de mundo, construída por diferentes esferas do conhecimento, contribui para o seu melhor entendimento e organização. Buscar entender como se estruturam as relações, comportamentos e assimilações ambientais torna-se um desafio teórico metodológico complexo, multivariado e interdisciplinar que estrutura a percepção humana na análise da realidade.

Para Tuan (1980), as visões de mundo, percepções e concepções dos indivíduos diferenciam-se à medida que suas bagagens experienciais se distinguem devido a fatores biológicos e culturais, tais como: gênero, faixa etária, cultura, e nível socioeconômico que manifestam diferentes concepções do ambiente e relações humanas associadas.

Sobre isso, Soulé (1997) argumenta que as visões e experiências ambientais estão relacionadas com o envolvimento entre indivíduo-ambiente, que se apresenta de forma distinta. São “lentes” que cada indivíduo possui - o que leva a estruturação do pensar por meio de assimilação, filtragem e conexões mediante aos seus níveis de cultura, educação e, conseqüente, temperamentos diferenciados.

Nesse contexto, para entender como novas relações ambientais se estruturam em torno de atividades tradicionais, é fundamental esclarecer como se dá a vivência dos indivíduos inseridos em projetos de perpetuação de costumes, compreendendo qual o entendimento que eles têm das suas práticas ambientais, para os fortalecerem enquanto grupo no enfrentamento das dinâmicas têmporoespaciais.

Considerando que a escolha do caminho metodológico se define numa importante fase para a condução do trabalho, esta pesquisa foi estruturada nas seguintes etapas: revisão de literatura especializada sobre o tema, realização de Trabalhos de Campo (*in loco*) para o levantamento das percepções da comunidade e trabalho de gabinete para a organização dos resultados. Para tanto, a pesquisa foi embasada no método da Percepção Ambiental (TUAN, 1980).

Na obtenção dos dados da pesquisa foram empreendidos cinco (5) Trabalhos de Campo entre os meses de janeiro e março de 2015, onde foram realizadas treze (n=13) entrevistas semiestruturadas conforme propostas de Colognese; Melo (1998), que se baseiam na formulação de questões quanto a sua abordagem e localização. Além disso, utilizou-se a técnica de Bola de Neve (BAILEY, 1982), que visa definir, a partir da declaração da própria comunidade, os atores mais significativos do contexto analisado. Acrescenta-se ainda o auxílio de um Guia Local, que se define como ator social que conhece bem a comunidade e suas dinâmicas associadas (SANCHES, 2004).

O pequeno número amostral (n) desta pesquisa justifica-se por meio de dois fatores: 1) estudos de percepções ambientais com comunidades tradicionais apresentam valores de grandeza similares, logo, com um número reduzido de entrevistas, pode-se apreender a questão analisada (BORTOLOTTI; NETO, 2005); 2) a técnica de Bola de Neve torna as entrevistas mais significativas, pois os atores são selecionados pelo “*notável saber*” declarado pelo entrevistado anterior. Além disso, encontram-se pesquisas com resultados consistentes quanto aos seus levantamentos relacionados a comportamentos sociais e casos onde os entrevistados são dificilmente encontrados. (DEWES, 2013).

Considera-se importante destacar ainda que esta pesquisa foi realizada no período de estiagem mais intenso dos últimos 40 anos ocorrido no norte do estado do Rio de Janeiro (ALVES, 2016). Fato que merece atenção nesse trabalho, pois se trata de uma pesquisa qualitativa, exploratória/quantitativa no campo biogeográfico, levantando percepções da comunidade e os possíveis impactos antrópicos relacionados ao desenvolvimento de macrófitas aquáticas, já que são plantas muito sensíveis a déficits hídricos, próprio de períodos de estiagens severas, como a que ocorreu no momento das entrevistas. Para proteção das identidades dos atores envolvidos na pesquisa, levou-se em consideração o livre consentimento na realização das entrevistas e a omissão de sua identificação, mesmo quando não solicitado.

### **Análise dos dados e Materiais**

A comunidade de Barra do Açu localiza-se aproximadamente a 40 km de distância do município Campos dos Goytacazes e 30 km de São João da Barra, e possui cerca de 900 habitantes. A atividade principal exercida pelos residentes está centrada nas práticas ancestrais de pesca artesanal, agricultura tradicional e artesanato. Segundo Coutinho (2009), na localidade também há atividades ligadas a serviços e comércio, que se destacam no período de veraneio, quando aumenta a demanda local por conta do turismo no balneário.

Os dados levantados foram estruturados em grupos de temas em combinação com a estrutura do questionário semiestruturado (RYAN; BERNARD, 2000). Assim, foi realizada a descrição e a caracterização da atividade do artesanato tradicional de esteiras baseada na vivência e prática cotidiana da própria comunidade. Os resultados dos questionários foram esquematizados através da regularidade das respostas, correlatando a origem da matéria-prima, técnicas da atividade, função e destino do produto final, bem como a estruturação do *Caminho Produtivo do Artesanato Tradicional* de esteiras da localidade de Barra do Açu, no município de São João da Barra/RJ.

Ressalta-se ainda, que, em certos casos, a variedade dos números de respostas em relação ao número de entrevistados (n = 13) diferenciou-se devido os artesãos relatarem retirarem as taboas nos mesmos corpos hídricos e enviarem as esteiras para os mesmos destinos.

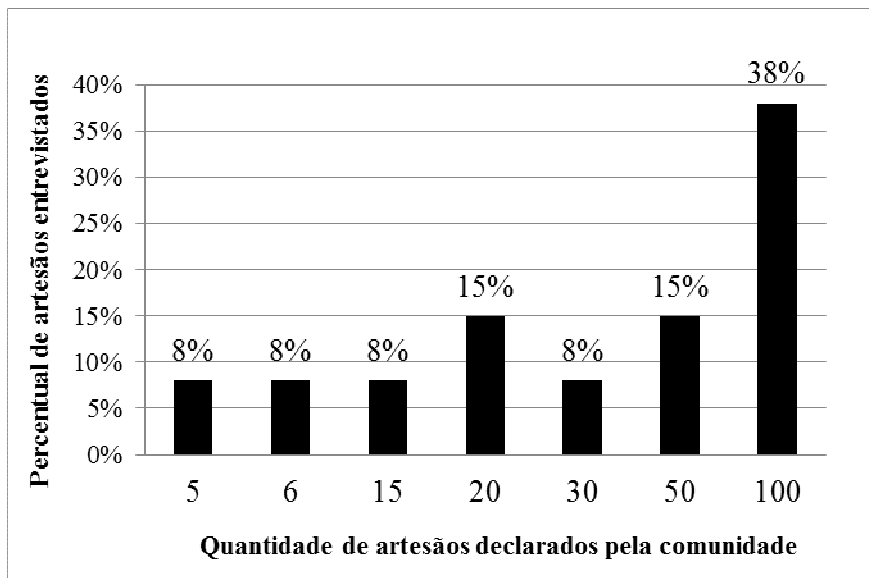
## **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **3.1 Perfil dos entrevistados e caracterização da atividade do artesanato tradicional da confecção de esteiras**

Dentre os entrevistados, 77% (n = 10) são do sexo feminino e 23% (n = 3) do sexo masculino. As faixas etárias dos artesãos pesquisados variaram de 30 a 83 anos, dos quais 15,4% (n = 2) possuíam de 30 a 40 anos; 7,7% (n = 1) de 41 a 50 anos; 53,8% (n = 7) de 51 a 60 anos; 7,7% (n = 1) de 61 a 70 anos; 7,7% (n = 1) de 71 a 80 anos e 7,7% (n = 1) com 83 anos. Quanto à escolaridade, variou entre Ensino Fundamental Incompleto e os que Nunca Estudaram, no qual 54% (n = 7) cursaram o Ensino Fundamental (na maioria chegando até o 3<sup>a</sup> Ano) e 46% (n = 6) declararam nunca ter frequentado uma Escola Formal.

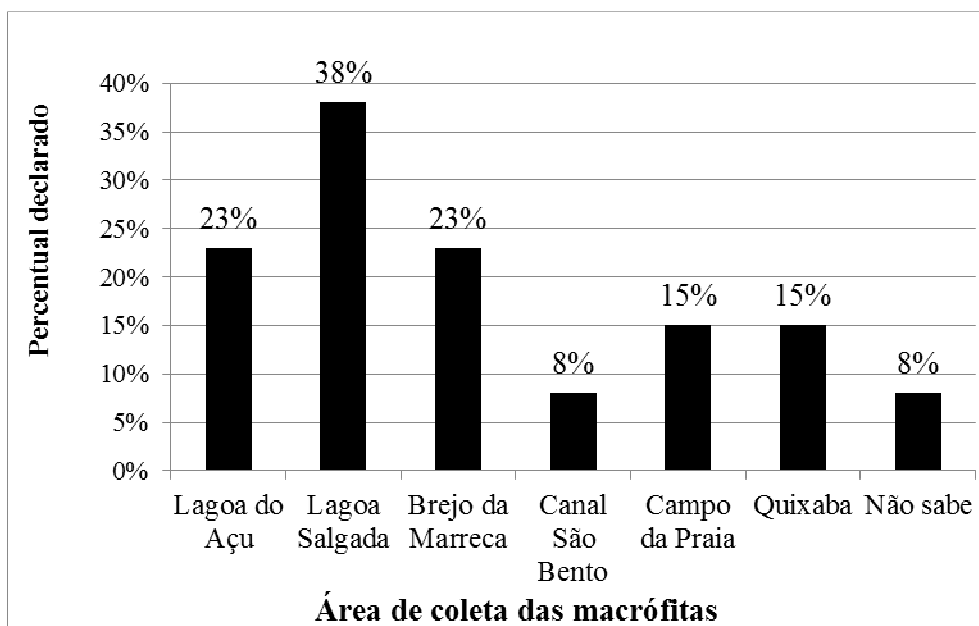
Ressalta-se que no ambiente rural é comum encontrarem-se populações que se caracterizam pela baixa escolaridade e de elevada faixa etária. Sobre isso, Camarano et al (1998) argumentam que no espaço rural da América Latina, estes fatores configuram-se como aspectos preocupantes, quando se comparam as zonas urbanas com as rurais do mesmo território. Nesse contexto, os aspectos sociais da comunidade de Barra do Açu se inserem nessa tendência à medida que apresentaram resultados que corroboram realidades descritas nas escalas espacial e temporal da América Latina.

Para identificar as diferentes percepções dos artesãos de esteiras da comunidade de Barra do Açu e dos modos de relacionamento com a natureza, primeiramente procurou-se quantificá-los, pois esta informação não é encontrada nas referências utilizadas. Na figura 2, observam-se organizadas as respostas à pergunta: Quantos artesãos de esteiras de taboas existem na Barra do Açu?



**Figura 2:** Número de artesãos de esteira de Barra do Açu

Na análise dos dados da Figura 2, percebe-se que 38% (n = 6) relatou existirem mais de 100 artesãos na comunidade, e que, a partir de informações complementares, esse número diminuiu bastante em relação “ao passado”. Diante disso, ratificam-se análises de casos similares em todo Brasil, e que o associativismo é uma forma estratégica para fortalecer as práticas tradicionais em comunidades (SULZBACHER; DE DAVID,2008). Na Barra do Açu, não foi identificado nenhum tipo de estratégia que possa fortalecer e valorizar a atividade. Isso pode significar uma tendência de desaparecimento da prática do artesanato tradicional local, já que os encadeamentos econômicos promovidos pelos fixos e fluxos da reestruturação produtiva do CLIPA, são as atividades que atraem investimentos públicos e privados regionais.



**Figura 3 –** Locais de retirada de taboas

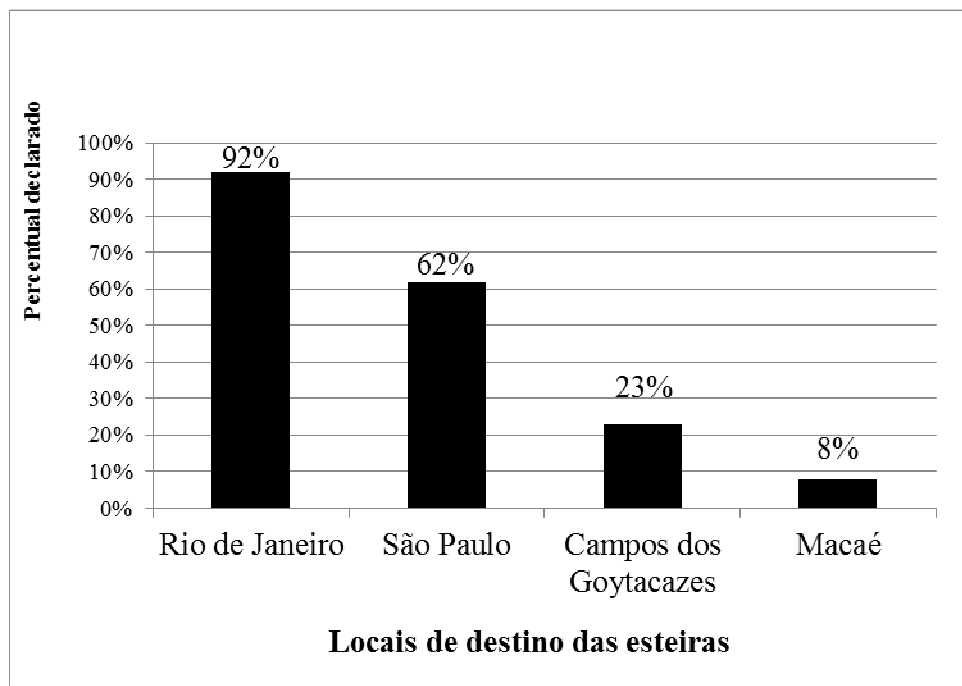


Em relação aos locais de retirada das taboas (Figura 3), foi identificado que elas são coletadas principalmente na Lagoa Salgada (38%; n = 5), seguido do Brejo da Marreca (23%; n = 4), Lagoa do Açú (23%; n = 3), Campo da Praia 15% (n=2), Quixaba 15% (n=2), Canal São Bento 8% (n=1) e 8% (n=1) não souberam responder.

Dessa forma, a territorialidade do artesanato na Barra do Açú não se expressa na coleta da matéria prima (taboa), ou seja, os catadores não se apropriam do território na sua dimensão físico-territorial. Contudo, apesar de não haver território individual de coleta, a territorialidade da atividade aparece no conjunto da comunidade, pois, nas discussões coletivas, afirmam terem que ir cada vez mais longe para obter a taboa, ou seja, incomodam-se por estarem perdendo as antigas áreas de coleta da macrófita.

Através das percepções da comunidade pesquisada, foram identificados elementos considerados como dificuldades no modo de permanência da atividade do artesanato. Em trabalho recente, Paes et alii (2015) diagnosticaram que os brejos da região estão sendo aterrados. Na pesquisa, 36% dos entrevistados relataram que as taboas estão desaparecendo devido ao aterramento de brejos, causados pela chegada do CLIPA. Esta situação já tem sido estudada por pesquisas regionais que apontam para impactos negativos na estrutura de drenagem da área de estudo (RANGEL, 2012).

Apesar disso, o destino das esteiras parece não ter se modificado. Na Figura 4 estão organizados os dados das entrevistas com a comunidade, onde declaram sua abrangência espacial, ou o destino final do artesanato produzido.

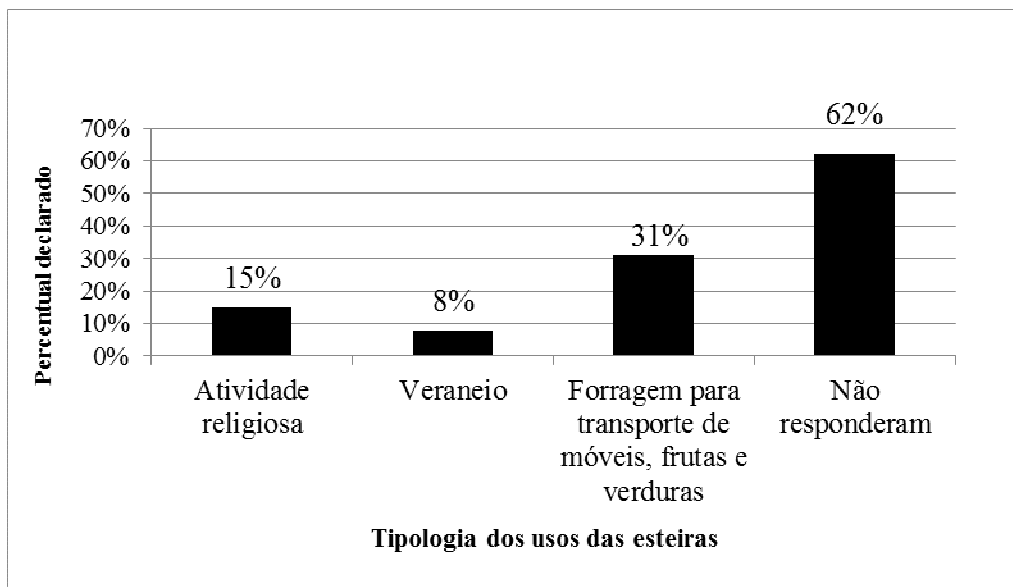


**Figura 4** – Locais de destino das esteiras de taboa produzidas na Barra do Açú.

Dessa forma, percebe-se que as esteiras se destinam às regiões metropolitanas do Rio de Janeiro e São Paulo. Isso pode mostrar que a produção não está fidelizada a um centro comprador, seja pelos artesãos, ou por seus distribuidores/atravessadores.

Quanto à finalidade das esteiras, observou-se que elas são compradas para usos variados, tais como: forragem para o transporte de móveis, deslocamentos rodoviários de frutas/verduras, manifestações religiosas e para veraneio nas praias da região, que no passado cumpria a função de utilidade tradicional e que hoje se modificou para a forragem do transporte de produtos agrícolas locais. Isso pode significar que, apesar das dificuldades relatadas pela comunidade, a atividade do artesanato de esteiras ainda possui mercado, o que está demonstrado na Figura 5.

É importante destacar que essa atividade complementa a renda das famílias de agricultores tradicionais da região e que as suas vinculações permitem entender a destinação final do produto, estabelecidas principalmente para acondicionamento de produtos agrícolas. Além disso, demonstra a relevância do artesanato fora do âmbito regional, fato que não ocorreria se não houvesse articulação das atividades, o que demonstra a importância da atividade, apesar do seu baixo valor agregado, o que determina baixo valor de troca. Sobre isso, estudos de casos similares demonstram que a atividade de artesanato tradicional no Brasil tem potencial econômico, principalmente para as comunidades com organização coletiva, que obtém incentivos governamentais por meio de políticas públicas voltadas para o fortalecimento dessas práticas (LEMOS, 2011).



**Figura 5** – Principais usos de esteiras de taboas produzidas na Barra do Açu

Em relação ao Circuito Produtivo das Esteiras na comunidade de Barra do Açu, foram identificados três *Caminhos Produtivos* possíveis, definido desde a coleta das taboas até a chegada das esteiras ao consumidor final:

- 1º) Coleta pelo artesão, secagem, confecção da esteira e venda para o atravessador;
- 2º) Compra da taboa, secagem, confecção da esteira e venda para o coletor/atravessador;
- 3º) Coleta, secagem, confecção da esteira e “venda a meia” ao atravessador.

Este último resultado suscita especial atenção por estabelecer uma estruturação produtiva da atividade, onde se percebe um Caminho Produtivo estabelecido por meio de divisão social do trabalho, de espaços especializados às rotinas do trabalho artesanal e dos fluxos das esteiras produzidas, onde os atores principais são: Coletores de taboa, Artesãos de esteiras e Atravessadores.

O Caminho Produtivo das esteiras e sua organização social na Barra do Açu apresentam uma divisão de gênero sexual do trabalho, pois a tarefa de coletar as taboas foi relatada ser realizada preferencialmente por homens (Figura 10) na localidade, justificado por ser considerada a etapa mais “pesada”, enquanto que a secagem e a confecção das esteiras são desenvolvidas principalmente pelas mulheres. No entanto, a atividade é realizada de forma compartilhada tanto por ambos os gêneros (Figuras 6 e 7).



**Figura 6** – Área destinada à secagem das taboas.  
Fonte: arquivo Sala Verde IFF Campos (2015)



**Figura 7** – Espaço de confecção das esteiras  
Fonte: arquivo Sala Verde IFF Campos(2015)



**Figura 8** – O produto final: Esteira de Taboa  
Fonte: arquivo Sala Verde IFF Campos (2015)

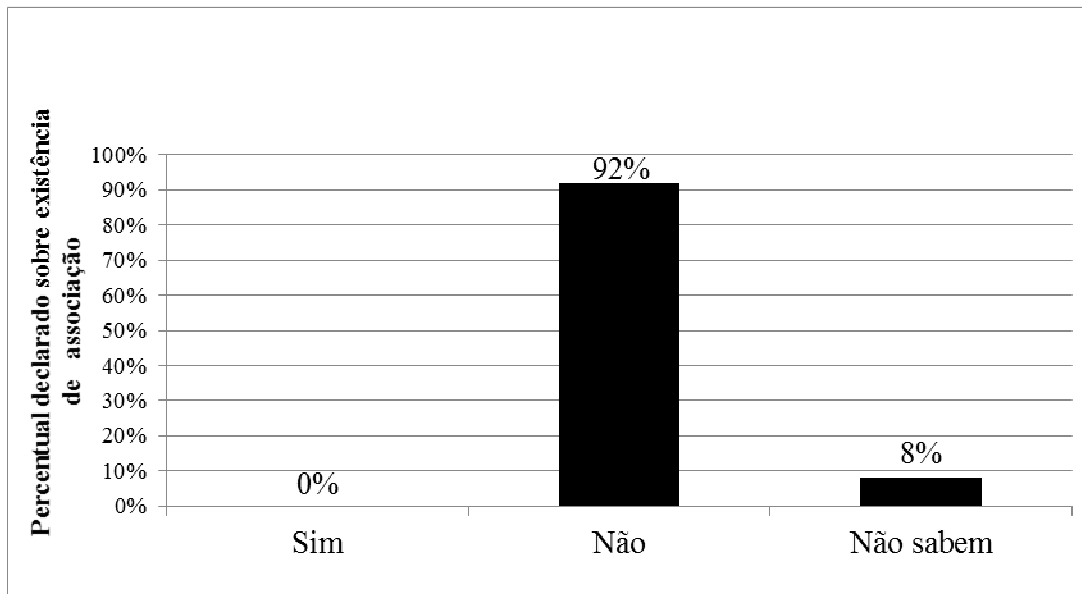


**Figura 10** – Coleta da matéria prima  
Fonte: arquivo Sala Verde IFF Campos (2015)

Estudos realizados sobre a divisão sexual do trabalho em comunidades de artesãos têm demonstrado que as tarefas de homens e mulheres são diferenciadas, diante de aspectos como: o perigo da coleta e distância ao local em que será beneficiado, ficando com as mulheres a responsabilidade pela maior parte das tarefas de confecção (SOUSA, 2009). Destaca-se que, em certas situações, quem coleta também vende a matéria prima (taboa) para um artesão e compra o produto final (38%). Em outros casos, o Caminho Produtivo atende à lógica de coletar, secar, produzir a esteira e vender ao “atravessador”. No caso específico da área estudada, essa dinâmica representa 46% (n = 6) das esteiras produzidas.

A estruturação de produção que menos se estabelece é a “parceria” entre o artesão e o atravessador. Esse resultado pode ser explicado como uma alternativa de articulação criada pelos atores, o que garante a agilidade da produção, a circulação do produto acabado e a distribuição da produção até o destino final, conforme se descreve na Figura 8.

Além disso, foi perguntado acerca da existência de Associação de Artesãos de Esteiras na localidade, quando 92% (n = 12) dos entrevistados relataram não existir nenhuma associação, cooperativa, forma de organização em equipes ou grupos de discussão sobre o artesanato tradicional.



**Figura 11** – Existe associação de artesãos na Barra do Açu?

Segundo relatos dos artesãos mais antigos da comunidade, já existiu uma organização para discussão do artesanato na localidade de Quixaba (nas proximidades de Barra do Açu), que cumpria esse papel político e econômico coletivo. Os artesãos justificaram sua inexistência devido à falta de um espaço físico apropriado para essas discussões.

Atualmente, o artesanato no Brasil vincula-se às organizações associativas das atividades, muitas vezes relacionadas ao âmbito turístico das suas regiões de origem, com destaque para o nordeste brasileiro (LEMONS, 2011). Considerando a importância de se organizar coletivamente, e que historicamente assumiram as atribuições de organização cultural, lazer coletivo e mobilização política das comunidades, na atualidade as formas associativas têm se destacado na convergência de condições favoráveis para a efetivação de arranjos produtivos locais.

Na Barra do Açu/RJ, percebem-se fragilidades no âmbito organizacional coletivo da atividade do artesanato tradicional. Essa realidade, quando comparada a casos em outras escalas espaciais brasileiras, destaca-se pela inexistência de políticas públicas ligadas a essas práticas, bem como a sua pequena vinculação com o setor turístico local.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises sobre os contextos tradicionais, produtivos e ambientais da Região Norte Fluminense têm sido alvo de estudos diferenciados que estão dando subsídios ao aprofundamento das pesquisas regionais, principalmente no contexto de reestruturação produtiva com destaque para a inserção dos atores PELAG e CLIPA.

Esse trabalho não objetivou esgotar as análises sobre o tema do artesanato tradicional de esteiras feito com taboa (*Typha domingensis*) no Norte Fluminense, e sim estabelecer um panorama da atividade com suas características, dinâmicas, entraves, adaptações espaciais e potencialidades de reorganização, visando seu fortalecimento e o da comunidade.

Dessa maneira, com base na caracterização da atividade e seus elementos de circulação, distribuição e dificuldades locais, concluiu-se que há risco de desaparecimento da atividade. Entendemos ainda que para a sua manutenção, é necessário o fortalecimento dos artesãos de esteiras. Para isso, é essencialmente necessária

uma Associação com objetivo que valorize os produtores. Isso pode ocorrer de algumas maneiras, por exemplo, inserindo outros produtos confeccionados com taboas, além de oferecer cursos de capacitação para esta comunidade. Vale ressaltar a importância em valorizar a tradição e enfrentar as dificuldades referentes à reestruturação produtiva que passa a região, além de revalorizar a cultura local através dos seus costumes, técnicas e atividades ancestrais.

Em relação aos aspectos sociais, como nível educacional e faixa etária dos entrevistados, ressalta-se a existência de contingentes com baixa escolaridade e de elevada faixa etária. Trabalhos especializados sobre o tema apontam que essa realidade é comum na América Latina, onde o Brasil apresenta índices precários de serviços básicos de cidadania no ambiente rural quando comparados aos do ambiente urbano.

Logo, projetos que objetivam a melhoria da qualidade de vida por meio de serviços básicos de cidadania (educação, saúde, por exemplo), além de estímulos a criação de organizações empreendedoras da atividade, possibilitariam sua perpetuação na comunidade sob a ótica de arranjos produtivos locais, que correlaciona qualidade de vida, meio ambiente e desenvolvimento de práticas ancestralmente realizadas. Assim, medidas e programas de Educação Ambiental, voltados para contribuir criticamente com essa comunidade, podem dar andamento a ações governamentais que visem à institucionalização de políticas públicas ligadas às esferas ambiental, social e econômica por meio de gestão comunitária.

## 5. AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao apoio fornecido pelo CNPq (Edital Nº 75 de 05 de maio de 2014), por meio de concessão de bolsa de pesquisa. A todos os artesãos de Barra do Açu pela colaboração durante as coletas dos dados, especialmente ao Guia local Srº Manuel Valdecir da Silva.

## 6. REFERÊNCIAS

ALVES, Leidiana Alonso. **Análise geossistêmica da variação temporo-espacial dos espelhos d'água das lagoas do sistema campo entre os anos 2006 e 2015.** Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, 2016.

BAILEY, Kenneth. D. **Methods of social research.** 2. ed. New York: McMillan Publishers. 1982.

BERTRAND, Georges. **Paisagem e geografia física global: esboço metodológico.** Universidade de São Paulo, Instituto de Geografia, 1972.

BIUDES, José Francisco Vicente; CAMARGO, Antônio Fernando Monteiro. Estudos dos fatores limitantes à produção primária por macrófitas aquáticas no Brasil. **Oecologia Brasiliensis.** Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 2, 2008. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2880796>> Acesso em: 15 jan. 2016.

BORTOLOTTI, Ieda Maria; GUARIM NETO, Germano. O uso do camalote, *Eichhornia crassipes* (Mart.) Solms, Pontederiaceae, para confecção de artesanato no Distrito de Albuquerque, Corumbá, MS, Brasil. **Acta bot. Bras.** Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 331-337, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-33062005000200016&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-33062005000200016&script=sci_abstract&tlng=pt) > Acesso em: 15 jan. 2016.

BUARQUE, Sergio C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável.** Metodologia de planejamento. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

BURLA, Rogério da Silva; OLIVEIRA, Vicente de Paulo Santos de; MANHÃES, Carmen Maria Coimbra; FRANCELINO, Francisco Mauricio Alves; SANTOS, Joice Cleide Oliveira Rita; COLUCCI, Mario Celso; FONTES, Sueleni Carvalho. Caracterização dos aspectos socioeconômicos e do processo produtivo agrícola dos produtores rurais da microbacia do Rio Doce, São João da Barra, RJ. **Vértices.** Campos dos Goytacazes, v. 17, n. 1, p. 149-162, 2015. Disponível em: <<http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/1809-2667.20150010>> Acesso em: 20 out. 2015.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. **Revista Brasileira de Estudos de População**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 15, p. 43-66, jul/dez 1998. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3929](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=3929)> Acesso em: 15 jan. 2016.

CANTERLE, Nilsa Maria G. **O associativismo e sua relação com o desenvolvimento**. Francisco Beltrão-PR, Unioeste, 2004.

CASTILLO, Ricardo Abid; FREDERICO, Samuel. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Revista Sociedade & Natureza**. Uberlândia, v. 22, n. 3, p. 461-474, dez. 2010.

COLOGNESE, Silvio Antonio; MELO, José Luiz Bica. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**. Porto Alegre, v. 9, p.143-159, 1998.

COUTINHO, Roger Rangel. **Avaliação das transformações socioambientais oriundas da implantação do complexo portuário industrial do Açú**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental. Instituto Federal Fluminense (Campus Campos-Centro), Campos dos Goytacazes, 2009. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2880796>[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=168692](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=168692)> Acesso em: 15 jan. 2016.

DEWES, João Osvaldo. **Amostragem em bola de neve e respondent-driven sampling**: uma descrição dos métodos. 2013. 53f. Monografia (Graduação) – Curso de Bacharelado em Estatística. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'ana. Planejamento e Gerenciamento Costeiro: Alguns Aspectos Metodológicos. In: 2º Encontro Nacional de Estudos Sobre Meio Ambiente, 1989, Florianópolis. 2º Encontro Nacional de Estudos Sobre Meio Ambiente Curso de Pós-Graduação em Geografia. Florianópolis: Imprensa Universitária de Universidade Federal de Santa Catarina, 1989. v. 3. p. 112-150.

DINIZ, Célia R; CEBALLOS, Beatriz S. O. de; BARBOSA, José E. de L.; KONIG, Annemarie. Uso de macrófitas aquáticas como solução ecológica para melhoria da qualidade de água. **Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental**. Campina Grande, v. 9, p. 226-230, 2005. Disponível em: <[http://www.agriambi.com.br/revista/suplemento/index\\_arquivos/PDF/226.pdf](http://www.agriambi.com.br/revista/suplemento/index_arquivos/PDF/226.pdf)> Acesso em: 17 fev. 2016.

ESTEVES, Francisco de Assis. **Fundamentos de limnologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1988.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. Niterói, São Paulo: EdUFF, Contexto, 2002.

LEMOS, Maria Edny Silva. **O artesanato como alternativa de trabalho e renda**: avaliação do Programa Estadual de Desenvolvimento do Artesanato no Município de Aquiraz-Ce. 2011. 111f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <<http://www.mapp.ufc.br/images/disserta%C3%B5es/2011/MARIA-EDNY-SILVA-LEMOS.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2016.

LEONELLO, João Carlos; COSAC, Cláudia Maria Daher. O associativismo como alternativa de desenvolvimento local e sustentabilidade social. In: Seminário do Trabalho, 6, Marília, SP, 2009. **Anais**. Marília, SP, 2009. Disponível em: <<http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/joacarlosleonelloeclaudiamariadahercosac.pdf>> Acesso em: 22 fev. 2016.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Complexidade e dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em educação ambiental. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 26, n. 93, p. 1473-1494, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v27n94/a07v27n94.pdf>> Acesso em: 22 fev. 2016.

MARTIN, Louis; SUGUIO, Kenitiro; DOMINGUEZ, José Maria Landim; FLEXOR, Jean-Marie. **Geologia do Quaternário Costeiro do litoral norte do Rio de Janeiro**. Belo Horizonte: CPRM, 1997.

MISIAK, H. **Raíces filosóficas de la psicología**. Buenos Aires: Troquek, 1964.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**: Ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. Paulo: Contexto, 2007.

- PAES, Raquel da Silva; GOUVÊA, Evelyn Rebouças de; TERRA, Ricardo Pacheco; MIRO, José Maria Ribeiro. Artesanato Tradicional e seus impactos ambientais – o caso dos artesãos de esteiras na Barra do Açu/RJ. In: Congresso Fluminense de Iniciação Científica e Tecnologia (CONFLICT), VII, 2015, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil. **Anais**. Campos dos Goytacazes, 2015. P 52
- PAES, Raquel da Silva; GOUVÊA, Evelyn Rebouças de; TERRA, Ricardo Pacheco; MIRO, José Maria Ribeiro. Conflito socioambiental e artesanato tradicional em Barra do Açu/RJ. In: Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (SBGFA), XVI, 2015, Teresina, PI, Brasil. **Anais**. Teresina, 2015.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. San Pablo: Ática, 1993.
- RANGEL, Larissa Carneiro; JUNIOR, Luiz de Pinedo Quinto; DE OLIVEIRA, Vicente de Paulo Santos. Complexo Logístico Industrial Portuário do Açu e os impactos ambientais nos corpos hídricos do quaternário costeiro. **Seminário Regional Sobre Gestão de Recursos Hídricos**, n. 3, 2012.
- RYAN, G. e BERNARD, H.R. Data management and analysis methods. In: DENZIN, N.K. e LINCOLN, Y.S. **Handbook of Qualitative Research**. Sage, London. p. 769-802. 2000
- RODRIGUES, Mariana Lima; MALHEIROS, Tadeu Fabrício; FERNANDES, Valdir; DARÓS, Taiane Dagostin. A percepção ambiental como instrumento de apoio na gestão e na formulação de políticas públicas ambientais. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 21, n. 3, p. 96-110, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/53486/0>> Acesso em: 23 fev. 2016.
- SANTOS, Kelly Pinheiro. **Análise dos conflitos socioambientais e proposta de diretrizes de plano de manejo do parque estadual da lagoa do Açu/RJ**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Engenharia Ambiental. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Campos dos Goytacazes, 2014. Disponível em: <<http://ppea.iff.edu.br/prod-cientifica/2014-1/Kelly%20Pinheiro.pdf/view>> Acesso em: 05 dez. 2015.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 16. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2008.
- SILVA, Ivanilton Ribeiro; RANGEL, Tácio Azeredo. **Impactos sociais, econômicos, culturais e ambientais provocados pela implantação do CLIPA e PELAG na comunidade Alto do Cardeiro, município de São João da Barra/RJ**. 2014. Monografia (Graduação) – Curso de Licenciatura em Geografia. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2014.
- SILVA, Silmar Luiz; MAGALHÃES, Karine Matos. Percepção ambiental de macrófitas aquáticas e impactos ambientais por estudantes da região metropolitana do Recife, PE. **Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**. Rio Grande, v. 31, n. 1, p. 174-188, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/remea/article/view/4350>> Acesso em: 20 nov. 2015.
- SOULÉ, M. E. **Mente na biosfera; mente da biosfera**. In: WILSON, E. O. Biodiversidade.
- SOUSA, M. J. S. Etnografia da produção de artefatos e artesanatos em comunidades da reserva de desenvolvimento sustentável Amanã – Médio Solimões. **Uakari**. Belém, v. 5, n. 1, p. 21-37, 2009. Disponível em: <<http://www.uakari.org.br/UAKARI/article/view/52>> Acesso em: 12 jan. 2016.
- SULZBACHER, Aline Weber; DE DAVID, Cesar. Alternativas para o espaço rural: importância de compatibilizar políticas públicas com saberes locais. **Campo-Território: Revista de geografia agrária**. Uberlândia, v. 3, n. 5, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/11838>> Acesso em: 22 nov. 2015.
- THOMAZ, Sidinei Magela. **Ecologia e manejo de macrófitas aquáticas**. Eduem, 2003.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.
- ZAPATA, Tânia. **Capacitação, associativismo e desenvolvimento social**. Projeto Banco do Nordeste/PNUD. Recife: Série de Cadernos Técnicos, 1997.
- ZIMMELS, Y.; KIRZHNER, F.; MALKOVSKAJA, A. Application of Eichhornia crassipes and Pistia stratiotes for treatment of urban sewage in Israel. **Journal of Environmental Management**, v.81, p. 420 – 428. 2006.